

extravios

mariel reis

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

O Noivo

O delírio da descrição da nudez do homem do jasmineiro desconcertou a família. Ninguém o tinha visto. A vizinhança nada sabia. Minha tia jurava receber sua visita todas as noites. Uma luz esbranquiçada corta a escuridão, vinda de um lugar entre as estrelas, atravessa a janela, desce em seu lençol e seu corpo traía o pudor. O perfume da flor invadiu a casa, os seus olhos acesos percorreram o cômodo, tornou-se ansiosa, as pernas mexiam-se desordenadas, as mãos rasgaram o vestido diante de nossa perplexidade. Minha tia parecia uma possuída, gozando a posse antecipada de um senhor ansiado por tantas noites solitárias compensadas agora pela vinda dele.

Um homem se mudou para nossa rua. Não tinha quase móveis. Bebia. Trabalhava em uma fábrica de



sofás. Passava em nossa porta, olhava o jasmineiro cortado sem aceitar a brutalidade, acenava para nós do portão e desaparecia na esquina. Retirada a árvore do quintal, minha tia parecia curada da alucinação com o visitante. Não se referiu mais à luz esbranquiçada ou se transtornou diante do aroma de flor alguma. Voltou às funções da casa, integrou-se à rotina familiar, inclusive voltou à igreja. Todos estávamos satisfeitos. Não pensávamos mais em suas crises, quando ela decidiu se casar. A notícia alegrou a todos nós.

O jasmineiro foi recolhido da calçada. Talvez tenha sido levado para o aterro sanitário ou virado lenha. Desapareceu sem rastro. Minha tia não apresentou o noivo. Só as chaves de uma casa no bairro vizinho. Ela se arrumava todas as noites, sob a supervisão das irmãs, falava do sujeito como um herói e as lágrimas lhe corriam pelo rosto. A felicidade se insinuava em seu corpo, arredondando-lhe as formas, tornando-as mais atraentes. O novo vizinho acompanhou com prazer e discrição o renascimento de minha tia. Quando soube do casamento, sentiu o baque.

A cerimônia nupcial discreta, o noivo ainda mais, dispensada a festa, voltamos todos às nossas vidas.



Quando minha tia se mudou parecia que nunca mais ouviríamos falar dela. A casa, o marido e os afazeres não permitiam qualquer distração aos dois. O tempo passou sem notícias do casal, ninguém se alarmou, enfim tinha se resolvido um problema com o enlace. “Vi a sua tia”, revelou o vizinho. A fábrica ficava no mesmo bairro dela. “Conversei com ela”, falou uma outra vez. “Estou apaixonado pela sua tia”, declarou, finalizando a crescente intimidade dos dois. “E o velho jasmineiro está plantado na frente da casa”, o arremate era uma bofetada. Ela é maior e vacinada, declararam todos.

“Por que sua tia casou com o demônio?” O rosto transtornado do vizinho parecia resultado da bebida. Olhamos desconfiados. Ele percebeu nosso escárnio, se afastou, recordou algo, voltou e nos entregou uma carta. Nela, minha tia confirmava suas palavras. Talvez artifício dos amantes. Soubemos depois dos galões de gasolina, da grande fogueira, do jasmineiro tornado uma sarça ardente, do voo inexplicável de um homem em completa nudez, da porta da casa em chamas fechada com minha tia e o vizinho, com o sorriso dos dois e da chegada dos

bombeiros quando tudo parecia cinzas. Menos uma pequena flor pisoteada na soleira do restante da porta.

O Falsário

Em um bazar, a vitrine expunha um travesseiro de penas com a indicação da última proprietária: Alícia Ordóñez. As circunstâncias misteriosas da morte, descritas sucintamente em um obituário veiculado em um jornal de grande circulação e escrito por Horácio Quiroga, somavam valor extra à peça. A descrição advertia: restaurado. Olhos assombrados com o trabalho imperceptível.

O vendedor acompanhava o interesse do jovem comprador, vestido sobriamente, movimentando-se com discrição pela loja, parando magnetizado diante do travesseiro de penas, extraindo, com todos os sentidos, a história do lote vulgar, desconfiado de um golpe publicitário acompanhado de outro,



o pecuniário comum no ramo. Preferiu aguardar a abordagem do rapaz para saber os detalhes do negócio.

Não tardou. Abreviada a negociação, a mercadoria foi envolvida em um papel de seda, colocada em uma caixa de papelão para o transporte e levada para a casa do novo dono. Quando chegou, a esposa e a filha jantavam, ele subiu para o andar superior, guardou a caixa sobre o guarda-roupas, desceu para a companhia delas sem descrever o adquirido em sua peregrinação pelas lojas de antiguidade.

O restante do jantar transcorreu em clima alegre, com histórias leves à mesa, sem a sombra da tristeza. O travesseiro de penas foi esquecido. A rotina familiar tomou outra direção e o crescimento da criança e sua educação eram a única preocupação. Aproximava-se dos dez anos, pediu a vinda de duas amigas à sua casa. Os pais concordaram.

As três meninas brincavam quando descobriram em um canto a caixa de papelão. Ao abri-la, viram o travesseiro de penas e o transformaram na muralha do castelo. O papel da princesa pertencia à aniversariante, enquanto as duas amigas eram seus





cavaleiros. Na rodada seguinte, uma das que desempenhava o cavaleiro assumiria a realeza. A nova nobre decidiu cair em um sono profundo.

O prolongado silêncio chamou a atenção dos pais da aniversariante. Subiram sem barulho, a porta entreaberta lhes permitiu ver uma das meninas deitada enquanto era velada pela filha e a amiga. De repente, o pai nota que a cabeça da garota enfeitiçada à espera de um príncipe repousa sobre o travesseiro comprado no bazar, invade o cômodo e o afasta da menina. A princesa abre os olhos. O cavalheiro é o rei desesperado? A filha, enciumada, chora.

O bazarista sentiu-se satisfeito pela venda do artigo ao jovem comprador. Fechou a loja mais cedo, tomou uma bebida quente em um restaurante, caminhou por algumas ruas a esmo sem ligar para a escuridão da cidade àquela hora e depois encerrou-se em sua biblioteca. Olhou as lombadas de uma centena de livros, escolheu um ao acaso – de Hans Christian Andersen – e o folheou com interesse. A história de *Os sapatinhos vermelhos* lhe impressionou vivamente, encomendaria a um sapateiro discreto a réplica para ocupar o lugar vazio da vitrine.





um peso, digamos assim, ontológico. Em *Extravios*, os seres fantásticos também têm suas histórias emotivas, anteriores às dos personagens humanos com quem se encontram. Parte da graça das histórias de Mariel é ter a experiência desse entremeio no qual, por exemplo, uma deusa romana satisfaz sua carência peculiar suprindo a carência de um menino de rua numa praça de nossos dias.

Em *Extravios*, Mariel nos dá um tipo de catarse imaginativa. Não uma purgação emocional, como na catarse clássica, mas outra coisa que não direi qual é.

Ricardo de Carvalho, que completa 40 anos neste ano de 2023, é maranhense da capital. Graduado em História, preferiu trair seu diploma por encontrar na literatura uma verdade maior que a de sua área. Por enquanto tem apenas histórias, poemas e ensaios espalhados aqui e ali pela internet, embora quadrinhos produzidos em outra vida tenham circulado materialmente na cidade natal e em prozines de Bolívia e de Espanha.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2023.
